



Comunicações

da Faculdade Batista Pioneira

A importância da Pesquisa Acadêmica na Teologia

batistapioneira.edu.br

II Seminário Internacional de Comunicações

doi.org/10.58855/2966-165X.2024.v2.019



Comunicações está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

PATHEMA COMO KERYGMA: UMA ANÁLISE DO SOFRIMENTO COMO IMPULSO KERIGMÁTICO DA IGREJA PRIMITIVA NO 1º SÉCULO

Pathema as Kerygma: an analysis of suffering as the kerygmatic impulse of the
early church in the 1st century

Mateus Soares Parreiras de Freitas¹

RESUMO

O presente artigo explora o desenvolvimento do conceito e a mentalidade do martírio, bem como sua relação com a proclamação e identidade da igreja primitiva, com análise desde o Antigo Testamento até o período dos Macabeus, até o culminar da perseguição na Era Cristã. O martírio é um dos mais fascinantes e mais estudados aspectos da vivência dos primeiros cristãos, sendo um fenômeno ímpar com significados profundos, que se configura como uma morte com sentido, uma morte em testemunho de sua convicção de fé. A proposta desta análise bibliográfica foi a exploração do sofrimento revelado como esperança cristã e impulso kerigmático. Apresentou-se a visão do sofrimento na mentalidade do Antigo Testamento até sua evolução no martírio ao fim do primeiro século. Foi explorado como esta realidade contribuiu para a fé e missão e uma identidade na proclamação sólida mesmo diante do sofrimento, que se manifesta, por efeito, um elemento fomentador de fidelidade e proclamação na igreja primitiva.

Palavras-chave: Sofrimento. Igreja Primitiva. Proclamação. Impulso kerigmático. Identidade.

¹ Graduado em Psicologia pelo Centro universitário Augusto Motta, UNISUAM. Bacharel em Teologia (Livre) pelo Seminário Teológico Evangélico Betel Brasileiro. ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-9942-0991> - E-mail: mateus.rhuat@gmail.com

ABSTRACT

This article explores the development of the concept and mentality of martyrdom, as well as its relation to the proclamation and identity of the early church, with an analysis from the Old Testament to the time of the Maccabees, to the culmination of persecution in the Christian era. Martyrdom is one of the most fascinating and most studied aspects of the experience of the early Christians, being a unique phenomenon with profound meanings, which is configured as a death with meaning, a death in witness to their conviction of faith. The purpose of this bibliographical analysis was to explore suffering revealed as Christian hope and kerygmatic impulse. The vision of suffering in the mentality of the Old Testament until its evolution in martyrdom at the end of the first century was presented. It was explored how this reality contributed to faith and mission and an identity in solid proclamation even in the face of suffering, which in effect manifests itself as a fostering element of fidelity and proclamation in the early church.

Keywords: Suffering. Early church. Proclamation. Kerygmatic impulse. Identity.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa, através de uma revisão bibliográfica, pesquisará o sofrimento e a mentalidade do martírio, bem como sua relação com a proclamação e identidade da igreja primitiva, com análise desde o Antigo testamento até o período dos Macabeus, culminando na Era Cristã. Portanto, será apresentada inicialmente uma discussão sobre o sofrimento e o martírio, sendo realizado também um breve retrato da compreensão do sofrimento e morte no Antigo Testamento e a mudança de mentalidade no período dos Macabeus, bem como este período influenciou na visão que virá ao encontro da mentalidade de martírio e sofrimento interpretada e vivida no Novo Testamento. Assim, analisar-se-á também o martírio como o núcleo da igreja primitiva, a partir da frase apresentada por Tertuliano “*semen est sanguis christianorum*”: o sangue dos mártires é semente.² A importância do artigo se dá na compreensão e desenvolvimento da comunidade cristã e sua reação frente ao sofrimento, bem como a formação de sua teologia centrada no Cristo e sua missão, definiu a forma de viver e enfrentar o sofrimento.

Ao debruçar-se sobre o estudo dos mártires e de sua relação com a estrutura e mobilização dos primeiros anos do cristianismo e seu nascimento, se faz necessário lembrar como ponto de partida, o *Testimonium Flavianum* (em português “Testemunho de Flávio”) que é um trecho da obra *Antiguidades Judaicas*, escrita no século I, pelo historiador judeu Flávio Josefo, que menciona Jesus de Nazaré como o Cristo.³ Além deste, os escritos de Eusébio de Cesareia, em sua obra “*História Eclesiástica*”, na qual reúne textos e relatos de fontes tanto de Flávio Josefo, como de Tertuliano, Filon e Tácito. Diante da notícia anunciada de Jesus sendo o Cristo, no final do século I, o avanço dessa notícia que molda e forma a estrutura de adoração, liturgia e ritos da igreja, chama a atenção das autoridades civis

² TERTULIANO. Apolog. cap. 50.12. In: TERTULLIAN, Minucius Felix. London: Cambridge; Massachusetts: Harvard University, 1931.

³ JOSEFO, Flávio. *Seleções de Flávio Josefo*. Tradução de Pe. Vicente Pedroso. São Paulo: Américas, 1974.

e religiosas. Por isso, o Cristianismo então foi declarado uma “religião ilícita e estranha”, “perniciosa”, “malvada e desenfreada”, “nova e maléfica”, “obscura e inimiga da luz”, “detestável”, entre outros adjetivos.⁴

Tácito (56/58 d.C.- 118/120 d.C.), em uma de suas obras, contempla os diversos eventos que ocorreram no transcorrer do primeiro século. Para a História do Cristianismo seus relatos adquirem relevância significativa porque coincide com o tempo da vida terrena de Cristo, com o desenvolvimento da igreja cristã primitiva e com os registros canônicos. Um dos livros que sobraram dos Anais é o livro 15, que conta a história do reinado de Nero de 62 a 65 anos. Essa foi uma época muito importante, coincidindo com a prisão de Paulo e o martírio de Pedro, conforme a tradição da igreja, ambos em Roma e sob a autoridade de Nero. Ele também trata sobre um tema muito importante ocorrido no primeiro século: o grande incêndio ocorrido na cidade de Roma em 64. Diante da dura realidade da oposição, identificamos o avanço da igreja e a perseverança na proclamação, e tendo como reação, a oposição direta e resultantes de morte aos fiéis através do sofrimento, resultando no martírio.

1. O SOFRIMENTO E O MARTÍRIO

Quando se pensa na história e desenvolvimento da fé cristã, o elemento do sofrimento tanto intrínseco a mensagem proclamada como no padecer dos fiéis frente a missão de proclamar. O sofrimento, muitas vezes compreendido como insensatez, contrassenso, é algo que abala o sentido; mas pode, também, transformar-se em um caminho para uma compreensão mais profunda do sentido. A resolução vai depender do modo como o homem interpretará as “batidas do outro lado”. Neste sentido, busca-se investigar a relação do homem e Deus,⁵ e a confissão de Cristo como Salvador e o significado na perseverança de seus discípulos frente ao martírio e a perseguição.

A expressão mártir em seu sentido Etimológico pode ser entendida como “aquele que lembrava”, aquele que tinha conhecimento de alguma coisa e podia apresentar sua palavra a respeito do assunto em questão.⁶ Para Miranda, mártir é aquele que sofre para testemunhar. O autor destaca que somente a partir do segundo século o termo passou a designar uma pessoa que experimentava sofrimento e, eventualmente, a morte em função de sua presença na missão de Jesus.⁷ Kayser informa que inicialmente a palavra “martírio” não tem nenhuma ideia de morte que lhe seja central. Mas com o desenrolar da história cristã, passa a indicar alguém que morreu em virtude de suas convicções de fé. É o testemunho dado por uma testemunha de Cristo que o confessa até a morte. “É um conceito surgido na segunda metade

⁴ GERONAZO, F. **O que foi a chamada Era dos Mártires da Igreja?** O São Paulo, SP. 2021. Disponível em: <https://osaopaulo.org.br/catequese/uma-igreja-edificada-com-o-sangue-dos-martires/#:~:text=Por%20isso%2C%20o%20Cristianismo%20foi,detest%C3%A1vel%E2%80%9D%2C%20entr e%20outros%20adjetivos>. Acesso em: 07 Junho 2024.

⁵ MORBACH, 2019, p. 67.

⁶ STRAHMANN. μάρτυς, μαρτυρεω, μαρτύρια, μαρτύριον. In: KITTEL, G. (Org.) **Theological Dictionary of the New Testament**. Grand Rapids: Eerdmans, 1973. p. 474-514.

⁷ MIRANDA, V. **Mártires na Antiguidade e na Idade média**. Petrópolis: Vozes, 2016, p. 28.

do século II da era cristã, mas que remonta ao pensamento judaico com relação à santidade e à defesa das próprias convicções de fé”.⁸ O martírio é acentuar um morrer, pois o martírio está ligado à perda de vida, por amor a Cristo e em benefício dos outros, dos próximos, dos irmãos.

O martírio comporta um testemunho de precioso valor. Manifesta a prova suprema de caridade. Encerra a fidelidade de seguir Cristo e aderir a Ele. Seguir Cristo e aderir a Ele deve-se a uma opção, e esta opção implica perder e ganhar. Contudo, perder a vida por dar primazia a Cristo é um tesouro. À medida que os cristãos perdem a sua vida por defenderem a fé em Cristo e pelos seus próximos, “revestem-se de Cristo, o Filho Unigênito, configurando-se, ao mesmo tempo, com Ele”.⁹

Ainda conforme Moltmann, o lugar da cruz e do Cristo crucificado têm um lugar especial na visão sobre o sofrimento na perspectiva cristã na qual um ato solidário de Deus é capaz de atingir a toda a humanidade. Toda a dor, a angústia, o sofrimento e a fraqueza humana se encontram atingidos e representados na cruz de Jesus, que transfigura em sua morte todos os limites humanos. Em seu sofrimento Cristo converte todo o sofrimento para si. Sendo solidário torna-se também igual, sendo igual torna-se caminho e, sendo caminho torna-se esperança.¹⁰

2. VISÃO DO SOFRIMENTO NO ANTIGO TESTAMENTO E A MEMÓRIA DOS MÁRTIRES

Na Sagrada Escritura, de modo especial no Antigo Testamento, “havia uma associação entre mal e sofrimento. Devido à falta de um vocábulo específico para designar a palavra “sofrimento” utilizava-se o vocábulo referente ao mal”.¹¹ Já o Novo Testamento, e nas versões gregas do Antigo, quando se referem ao sofrimento, servem-se do verbo *Pascho*, que significa ser afetado por, experimentar uma sensação, sofrer. Portanto, o sofrimento não é mais identificável com o mal. Diante desta situação o ser humano sente o mal e torna-se sujeito de sofrimento.

2.1 Os profetas e o sofrimento no Judaísmo

Antes de haver mártires no Judaísmo (como de 2 Macabeus 6 e 7), os profetas do AT já tinham características fundamentais do martírio. O profeta, como responsável por denunciar a injustiça acaba necessariamente se opondo a poderes, e neste sentido, o sofrimento já é esperado devido ao movimento de contramão, e por “buscar estabelecer a justiça onde não

⁸ KAYSER, L. C. **Do testemunho ao martírio**: uma história de conceitos do Novo Testamento ao martírio De Policarpo. Dissertação de Mestrado Para obtenção do grau de Mestre em Teologia Faculdades EST Programa de Pós-Graduação. São Leopoldo, 2016, p. 41.

⁹ LELO, D. P. **O martírio como dimensão séria da existência cristã**: uma reflexão teológica baseada em Hans Urs von Balthasar. Universidade Católica Portuguesa Faculdade de Teologia. Lisboa, 2016, p. 6.

¹⁰ MOLTSMANN, 1976.

¹¹ MORBACH, 2019, p. 64.

há, geralmente significa colocar-se numa posição muito temerária de desafio a situação generalizada de injustiça estabelecida”.¹²

Antes da Era Cristã, a ideia de que o profeta precisaria sofrer pela missão foi mencionada. A memória judaica conservada em Elias, Amós, Jeremias, como profetas que sofreram, “a identificação do profeta com imagens martiriológicas é um desenvolvimento de crença judaica na vida após a morte.”¹³

Kayser apresenta uma ideia de que era comum reportar aos relatos de execuções realizadas a mando do rei Antíoco IV em 2 e 4 Macabeus e para a literatura judaica tardia, especialmente a apocalíptica – como o martírio do profeta Isaías do primeiro século d.C. –, para encontrarem-se as origens da ideia de martírio. Houve vários estudos que encontraram uma relação intrínseca entre o mártir e o profeta messiânico. O conceito de martírio em seu surgimento entre os cristãos condensa ideias de testemunho jurídico e da pertinácia de fé, criando assim, uma forma de testemunho extrema.¹⁴

2.2 O martírio como ideal comunitário

A história de resistência frente a helenização realizada pelos sucessores de Alexandre o Grande, é marcada pelos Macabeus, que, frente às pressões de Antíoco Epífanes (c. 215-164) de proibir práticas religiosas e inserir práticas pagãs, trouxe pressão a ponto do sacerdote Matatias, juntamente com seus cinco filhos, liderar uma revolta (1Mc 1.1-69) que ficou conhecida como Guerra dos Macabeus.

Diante da rebelião e pressão das tropas de Antíoco, muitos judeus foram mortos e torturados. A exemplo disso, a história dos sete filhos de uma viúva que se recusaram a comer carne de porco por causa das suas leis religiosas (2Mc 7.1-42):

O rei, fora de si, ordenou que aquecessem ao lume frigideiras e caldeirões. Logo que ficaram em brasa, o rei mandou que cortassem a língua do irmão que tinha falado; que arrancassem o couro cabeludo e lhe cortassem as mãos e os pés, diante dos irmãos e da mãe. Quando ficou completamente incapacitado, o rei ordenou que o levassem, respirando ainda, e o fritassem no fogo. Enquanto o fumo da frigideira se espalhava, os irmãos animavam-se uns aos outros, juntamente com a mãe, a morrer com nobreza (2Mc 7.3-5).

Apesar da ideia apresentada no relato ter relação ao elemento de culto o alvo do acontecimento, se apresenta como uma guerra santa; além disso, a plasticidade das mortes violentas promoveu um tipo de determinado herói, este é aquele que morreu violentamente em função de sua religião. Ou seja, o mártir na fonte se torna um personagem, a construção de um ideal. Entretanto, o termo mártir não chegou a ser usado para descrever os heróis

¹² KAYSER, 2016, p. 81.

¹³ FISCHER, 1947, *apud* KAYSER, 2016, p. 81.

¹⁴ KAYSER, 2016, p. 43.

macabeus, mas “suas histórias inspiraram a muitos como Policarpo, um dos cristãos mais antigos a receber este título em 155”.¹⁵

Desde os Macabeus se tem a noção de que a luta contra o mal demandava sofrimento e sacrifício. Em 2 e 4 Macabeus o sofrimento de vítimas inocentes é vicário para o povo. Enquanto filhos do judaísmo, os cristãos também acreditavam que a Nova Aliança devia ser selada com o sangue de uma vítima inocente. A Igreja sempre entendeu que sem a cruz não haveria Igreja Cristã.¹⁶

3. A CONCEPÇÃO DO MARTÍRIO A PARTIR DO NOVO TESTAMENTO

Jesus apresenta em si mesmo a herança que toda a história e tradição judaica de sacrifício, resgate e expiação, temas recorrentes nos Evangelhos sinóticos. O Filho do Homem em Marcos é um mártir que se sacrifica em “resgate de muitos” (Mc 10.45), no sentido de sua representação como sofredor. Kayser compara o Jesus marcano com Eleazar em 2 Macabeus.¹⁷

Paulo fala de tumultos por causa da missão; o Evangelho de Marcos fala de ódio aos seguidores de Cristo; os sinóticos, de perseguição como a dos profetas; nas cartas de Pedro estão presentes a calúnia e o ódio; o Evangelho de João também pressupõe hostilidade do contexto local ao apresentar Cristo em julgamento ante todos os que se opõe a Ele. Em Apocalipse o testemunho de sangue é o único que figura, pois todas as “testemunhas do Cordeiro são mortas à moda dos profetas escatológicos do judaísmo do período helenístico e da comunidade de Qumran”.¹⁸

Entretanto, a própria morte e a crucificação perfazem uma alusão a seus seguidores e a si mesmo. Os enviados de Cristo seriam açoitados e perseguidos de cidade em cidade, algo que também se diz a respeito dos mártires dos primeiros séculos. Mateus está fazendo Jesus falar sobre os mártires da igreja colocando-os na mesma linhagem dos profetas mortos pelos seus inimigos. Pode-se perceber um esquema perseguição-sofrimento-exaltação. Para essas comunidades perseguição, violência e martírio são expressão do contexto do fim dos tempos. Assim, em alguns textos de Qumran até mesmo a ascensão do profeta pode conter vestígios martiriais, pois ela é precedida pela sua paixão.¹⁹

Com João, muito tempo antes de haver conceito de martírio, aponta que o maior testemunho (μαρτυρία) de Cristo é um martírio. Com isso, na década de 90 do século I, μαρτυρία e morte terminam o evangelho inextricavelmente ligados. Os vocábulos do martírio moveram-se mais rapidamente em direção ao seu sentido final na literatura joanina e, de modo especial, no Apocalipse. Mais tarde, “nesse mesmo ambiente tenso das igrejas asiáticas,

¹⁵ MIRANDA, 2016, p. 16.

¹⁶ KAYSER, 2016.

¹⁷ KAYSER, 2016.

¹⁸ KAYSER, 2016, p. 86)

¹⁹ CARBULLANCA, César. ¿Una teología del martirio en 1QHa y 4Q491c? Aportes para la comprensión de la cristología del Hijo del hombre joánico. *Veritas*, set. 2011, n. 25, p. 119-131, 2011.

o martírio irá completar o seu significado final (a carta que contém o Martírio de Policarpo é de Esmirna)”.²⁰

4. MARTÍRIO COMO NÚCLEO DA IGREJA PRIMITIVA A IMPORTÂNCIA DA MORTE NO KERIGMA

Um dos mais importantes documentos da Igreja antiga, *O Pastor*, contém algumas referências aos que sofrem por causa de Cristo (dos mártires) lançam luz no estado de desenvolvimento da concepção a respeito dessas pessoas. O livro todo contém diversas referências a sofrimentos e tribulações, mas dificilmente se pode precisar se Hermas estava em um contexto de sérias perseguições.

O Pastor também pode dar indícios de um rudimentar culto aos mártires quando, por exemplo, os coloca em lugar de altíssima honra do lado direito do trono de Deus na Vis. 3.2.1: “É por isso que está reservado para eles o lado direito do santuário”.²¹ Observa-se um desenvolvimento do conceito de testemunha, para mártir no sentido de pessoas que se sacrificaram exatamente como os mártires. Elas são pessoas especiais, designadas como “οἱ παθόντες ὑπὲρ τοῦ ὀνόματος τοῦ υἱοῦ τοῦ θεοῦ” (os que sofreram pelo nome do Filho de Deus). Neste nome então, está representado o Evangelho e morrer por ele significava viver de forma fiel a Cristo até às últimas consequências. Esta realidade, posteriormente, fará destes fiéis símbolo de adoração. Nas palavras de Kayser:

Uma evolução notável de sentido martirológico nesta obra é que οἱ παθόντες ὑπὲρ τοῦ ὀνόματος são pessoas distintas dentre os cristãos. Elas são colocadas no topo de uma classificação distintiva que perpassa ímpios, cristãos apóstatas e os bons cristãos que sofrem pela fidelidade. Como os posteriores mártires, elas se tornaram perfeitas.²²

A atitude dos mártires nada mais é do que a atitude de um confessor de alguém que, durante toda a vida, não nega a fé. A diferença daqueles para estes é que aos primeiros foi dada a oportunidade, num contexto de hostilidade e ameaça da vida, de confessar até a morte. Mas antes de serem mártires, eles eram, verdadeiros cristãos, ou seja, não negavam e por isso não eram falsos, nem dissimulados. “Assim, antes do seu martírio, já viveram uma vida de martírio”.²³

Tertuliano apresenta em sua célebre frase a realidade do martírio na mentalidade da igreja primitiva e também a espiritualidade dos cristãos que experimentaram, com grande sofrimento, mas também com esperança: “*semen est sanguis christianorum*” (o sangue dos mártires é semente).

²⁰ KAYSER, 2016, p. 92.

²¹ KAYSER, 2016, p. 95.

²² KAYSER, 2016, p. 95.

²³ KAYSER, 2016, p. 98.

A compreensão do martírio foi experimentada na comunidade primitiva e expressa de variadas formas, como a representação da santidade elevada a um grau máximo e, desse modo, como um verdadeiro itinerário de vida cristã. “Nesse sentido, o testemunho daqueles que o alcançaram oferece a inspiração necessária para um autêntico compromisso”.²⁴

Pensar na própria ideia de morte como martírio neste contexto apresenta uma profunda relação com a própria proclamação ou kerigma. O cristianismo trouxe uma nova compreensão sobre o sentido da morte, que era expressa através da sua vivência comunitária e que ficou registrada, de variadas formas, nas catacumbas. Ela não significava uma ruptura com a vida, mas o seu pleno florescimento.²⁵ Esta era a compreensão dos cristãos quando afirmavam que, com a morte, havia a transformação da vida, que atingia o seu fim último (*telos*).

As representações da iniciação cristã, nas suas variadas manifestações, da dinâmica da vida comunitária apontavam, de forma definitiva, para a Páscoa de Jesus e, portanto, para a ressurreição. Esse é o núcleo do primeiro anúncio, o querigma, que marca indelevelmente o itinerário dos cristãos. Pode-se entender o querigma como apresentado por Ratzinger:

A profissão de fé na ressurreição de Jesus Cristo é para o cristão a expressão da certeza de que a frase que parece ser apenas um belo sonho, é verdade: “Forte como a morte é o amor” (Ct 8.6). [...] O amor exige infinidade, indestrutibilidade, ele é um verdadeiro grito pelo infinito. Mas continua sempre um grito irrealizável que exige infinidade, mas não pode dá-la; o amor requer eternidade, mas está inserido no mundo da morte com a solidão e o seu poder destrutivo. É partindo desse contexto que se pode entender o que significa “ressurreição”. Ela é a força do amor diante da morte.²⁶

Os cristãos antigos, em certo momento, perceberam que a *parusia* não era uma realidade iminente, como por muito tempo acreditaram. Jesus, porém, de modo surpreendente, havia anunciado que o reino de Deus já se iniciara com Ele. “O Reino de Deus está no meio de vós.” Reino de Deus, centro da mensagem de Jesus, sinaliza, desse modo, “para a tensão (escatológica) entre presente e futuro e, por isso, entre a morte e a vida”.²⁷ O futuro esperado pode ser experimentado, em germe, pelos cristãos, que devem ser capazes de expressar, em comunidade, essa nova vida que irrompe a partir daquelas relações fundamentais, vividas de forma renovada: com Deus, com os irmãos, com a natureza e consigo mesmo.

A importância da morte e martírio como força para o testemunho também se dá em como esta morte é realizada e de certa forma, idealizada. A pesquisa de Judith Perkins, citada na obra de Miranda, apresenta o martírio como propaganda, em que ocorreu uma

²⁴ FRANÇA, C. L. **Memória e identidade nas catacumbas romanas**. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2020, p. 89.

²⁵ FRANÇA, 2020, p. 97.

²⁶ RATZINGER, J. **Introdução ao cristianismo**: preleções sobre o símbolo apostólico. São Paulo: Loyola, 2005, p. 222-223.

²⁷ FRANÇA, 2020, p. 101.

subjetivação da identidade de uma forma tão efetiva que ela se traduzia em práticas concretas de testemunho e morte. Nas palavras do autor:

Os cristãos criaram mártires, heróis da fé, num movimento importante para a consolidação identitária do movimento. (...) As mortes cristãs, quando ritualizadas, eram eficientes instrumentos de propaganda para o cristianismo numa sociedade que aprendera a respeitar quem sabia morrer.²⁸

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, pode-se observar as nuances e o impacto do sofrimento. Neste sentido, buscou-se apresentar a dimensão do sofrimento e conseqüentemente a herança do Reino dos céus, como um impulso tanto para a proclamação, como para o sofrimento e sacrifício.

Desta forma, o sacrifício do próprio corpo toma uma dimensão muito realista – com dores sensíveis até.²⁹ Através desta mortificação o apóstolo Paulo decidiu entregar-se a Deus total e confiadamente, para que se fizesse o que quer que fosse preciso pela *Missio Dei*. Neste sentido, delimitando até mesmo a identidade dos seguidores de Jesus como um grupo distinto do judaísmo, que o ainda era normativo para a compreensão da salvação e do acesso ao Reino de Deus (algo que enfraquece após a queda do Templo em 70). Os cristãos também estavam tornando-se povo de verdade – raça escolhida, sacerdócio real, nação santa, povo de Deus. Nesse contexto, um bom imitador de Cristo tem a disposição de sofrer como Ele sofreu e, de certo modo, atualizar a Sua Paixão:

Pois que glória há, se, pecando e sendo esbofeteados por isso, o suportais com paciência? Se, entretanto, quando praticais o bem, sois igualmente afligidos e o suportais com paciência, isto é grato a Deus. Porquanto para isto mesmo fostes chamados, pois que também Cristo sofreu em vosso lugar, deixando-nos exemplo para seguides os seus passos (1Pe 2.20-21).

Pôde-se verificar e testificar o sentido que o sofrimento tinha a ponto de ser um impulso frente a dor, pois os sofrimentos são exatamente o exemplo deixado por Cristo, o conteúdo para a *imitatio Christi*, o martírio é uma das conseqüências da *imitatio Christi*³⁰. Cristãos sofrem porque Cristo também sofreu. Isso faz parte, inclusive, do seu chamado, além de, em determinadas circunstâncias, ser do agrado de Deus.

Portanto, desde a primeira comunidade cristã o sofrimento e a morte de Cristo já eram entendidos como eventos esperados, assim como eram esperados pelos profetas desde o AT. Posteriormente, a imitação e o testemunho missionário em contextos de hostilidade fizeram

²⁸ PERKINS (1995), in MIRANDA, 2016, p. 42.

²⁹ KAYSER, 2016, p. 109.

³⁰ Uma definição do que seja *imitatio Christi* é dada por Moss: “refere-se a ações e palavras que imitam aquelas de Cristo... a ideia pode ser expressa tanto linguisticamente usando o grupo de palavras da mimesis quanto conceitualmente em passagens que propõe mimetismo do comportamento de Jesus, mas não usa explicitamente esta terminologia” (MOSS, 2010, p. 23 *apud* KAYSER, 2016).

com que os cristãos passassem a compartilhar o destino do Mestre, ou seja, sofrer morte violenta. Portanto, desde cedo o testemunho ligava-se ao sofrimento – algo que ganhou forma final, no conceito de mártir, (com o uso de μάρτυς como um termo técnico para os que morrem pelo testemunho de Cristo), mas que tem suas origens no pensamento judaico, especialmente da época helenística dos heróis macabeus.

REFERÊNCIAS

CARBULLANCA, César. ¿Una teología del martirio en 1QHa y 4Q491c? Aportes para la comprensión de la cristología del Hijo del hombre joánico. *Veritas*, set. 2011, n. 25, p. 119-131, 2011.

FRANÇA, C. L. **Memória e identidade nas catacumbas romanas**. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2020.

GERONAZO, F. **O que foi a chamada Era dos Mártires da Igreja?** O São Paulo, SP. 2021. Disponível em: <https://osaopaulo.org.br/catequese/uma-igreja-edificada-com-o-sangue-dos-martires/#:~:text=Por%20isso%2C%20o%20Cristianismo%20foi,de%20test%3A%1vel%E2%80%9D%2C%20entre%20outros%20adjetivos>. Acesso em: 07 Junho 2024.

JOSEFO, Flávio. **Seleções de Flávio Josefo**. Tradução de Pe. Vicente Pedroso. São Paulo: Américas, 1974.

KAYSER, L. C. **Do testemunho ao martírio: uma história de conceitos do Novo Testamento ao martírio De Policarpo**. Dissertação de Mestrado Para obtenção do grau de Mestre em Teologia Faculdades EST Programa de Pós-Graduação. São Leopoldo, 2016.

KUZMA, C. A. **A esperança cristã: fundamentos e reflexões na teologia de Jurgen Moltmann**. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

LELO, D. P. **O martírio como dimensão séria da existência cristã: uma reflexão teológica baseada em Hans Urs von Balthasar**. Universidade Católica Portuguesa Faculdade de Teologia. Lisboa, 2016.

MIRANDA, V. **Mártires na Antiguidade e na Idade média**. Petrópolis: Vozes, 2016.

MOLTMANN, J. **Homem a desvendar**. Tradução de Ruth Delgado. São Paulo: Paulinas, 1976.

MORBACH, C. L. **O silêncio de Deus: a teologia do sofrimento em Hans Urs Von Balthasar**. Porto Alegre: PUCRS, 2019.

RATZINGER, J. **Introdução ao cristianismo: preleções sobre o símbolo apostólico**. São Paulo: Loyola, 2005.

STRAHMANN. μάρτυς, μαρτυρεω, μαρτύρια, μαρτύριον. In: KITTEL, G. (Org.) **Theological Dictionary of the New Testament**. Grand Rapids: Eerdmans, 1973. p. 474-514.

TÁCITO. **ANAIS**. Prefácio de Breno Silveira. Tradução de J. L. Freire de Carvalho. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1950.

TERTULIANO. Apolog. cap. 50.12. In: **TERTULLIAN, Minucius Felix**. London: Cambridge; Massachusetts: Harvard University, 1931.